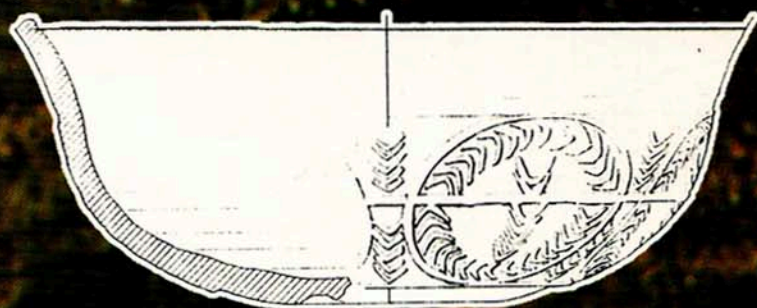
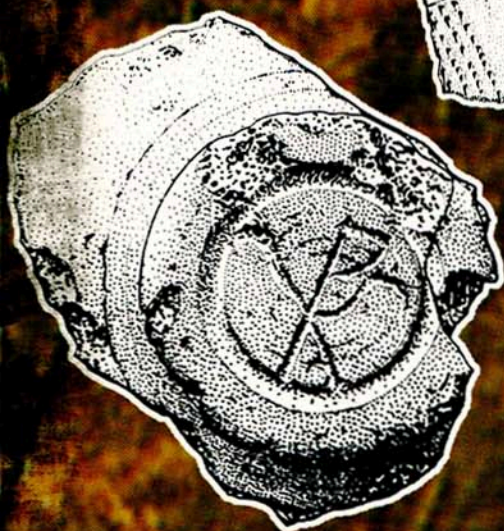
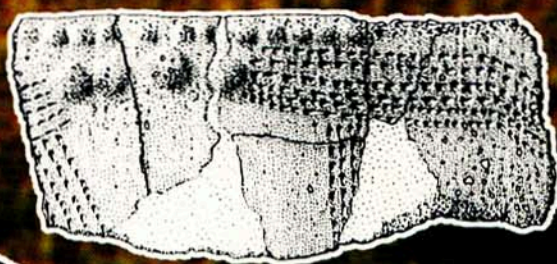
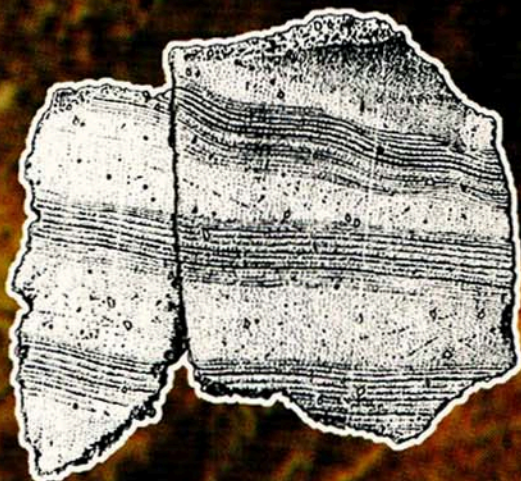


CÔA VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 1 · ANO DE 1999



EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Cabeceiras de Sepultura do Concelho de Vila Nova de Foz Côa

JOSÉ BELEZA MOREIRA

O Homem, no eterno desejo de homenagear os seus defuntos, fê-lo de variadas formas. Uma delas foi a colocação de lápides na cabeceira da sepultura (e, por vezes, aos pés), querendo assim perpetuar o local onde jazia o seu ente querido.

Estas estelas podem apresentar a forma rectangular, quadrangular, em esteio, ovalóides ou em palmatória. Estas últimas, as mais frequentes — as denominadas discóides —, têm a parte superior em disco e a inferior (que ficava enterrada) em espigão.

A origem das cabeceiras de sepultura é bastante remota. Eugeniusz Frankowski refere que as estelas discóides derivam das estátuas-menires neolíticas ou da Idade do Bronze (Frankowski, 1920, pg. 175).

Relativamente ao território Português, Vergílio Correia diz-nos que estas estelas se reportam aos tempos medievais, posteriores ao século X, prolongando-se o seu uso até ao século XVII (Correia, 1918, pg. 21).

Porém, a tradição do uso destes monumentos chegou praticamente até aos nossos dias, como nos atesta a existência de uma cabeceira de sepultura de uma criança falecida em 1900 (nascida em 1898), ou a de um alentejano falecido em 1917 (Moreira, 1982-83, pg. 479).

Mas, se para o estudioso a forma é importante, mais o é, sem dúvida, a decoração que contém. Na verdade, esta iconografia é o aspecto mais relevante no estudo destes monumentos. É através dela que podemos perspectivar vários campos de investigação, tais como o económico, o social, o religioso, o etnográfico, etc.

A gravação dos motivos em cabeceiras de sepultura reportam-se a tempos bastante recuados, oferecendo-nos diversos temas, desde os dos ofícios aos da guerra. Nos estudos por nós elaborados, pudemos já referenciar as seguintes categorias:

- com elementos crucíferos
- com elementos geométricos
- com elementos vegetais
- com elementos animais
- com elementos antropomórficos
- epigrafadas
- com instrumentos de ofício
- com símbolos de ofício
- diversos

Nas cabeceiras de sepultura por nós estudadas no Concelho de Vila Nova de Foz Côa, apenas encontramos elementos crucíferos, vegetais e geométricos.

Das 1425 cabeceiras de sepultura que já inventariamos no País, 15 pertencem ao Concelho, com a seguinte distribuição:

- Numão

- Quintal do Dr. João Gouveia 11
- Fonte da Moura 1
- Ruínas da igreja de S. Pedro de Numão (desaparecida) 1

- Cedovim

- Numa vinha 1

- Freixo de Numão

- Casa Grande 1

Relativamente às estelas existentes no quintal do Dr. João Gouveia, J. A. Pinto Ferreira, no seu artigo "Cabeceiras de sepultura medievais existentes em Numão" (Ferreira, 1966 (1), pg. 5), diz-nos: "São oito as *cabeceiras* que o distinto clínico Dr. João Gouveia tem expostas no jardim da sua bela moradia, em Numão. Segundo ele próprio nos informa, há mais de 30 anos deu início ao seu trabalho de recolha das referidas espécies arqueológicas. São elas provenientes quer do adro da Igreja Paroquial, quer do Castelo, quer do cemitério anexo à Igreja românica, dentro de muros; algumas encontravam-se fora do Castelo, perto das sepulturas cavadas na rocha, junto à porta do Castelo, lado Norte".

Porém, em Abril de 1997, encontramos 11 estelas no quintal do Dr. João Gouveia.



Quintal - 351/24

Na descrição das peças, seguiremos a seguinte metodologia: o número de ordem é-nos dado pelo algarismo árabe, o qual representa também o anverso da estela. Quando ao número for acrescida a letra "R", significa que é o reverso. A alínea a) refere-nos a localização da peça. A alínea b) indica-nos se a estela é discóide, rectangular, etc. A alínea c) refere-se às dimensões, e está subdividida em: c.1 – diâmetro total; c.2 – diâmetro do campo de gravação; c.3 – cercadura; c.4 – altura; c.5 – largura; c.6 – espessura. Na alínea d) faremos a descrição dos motivos. A alínea e) indica-nos se a cabeça está publicada e onde.

CATÁLOGO

- N.º 1 –**
- a) – Quintal do Dr. João Gouveia
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 31,5 cms.
2= 25,5 cms.
3= 3 cms.
4= 52 cms. (está enterrada)
6= 13 cms.
 - d) – Pentafólio rebaixado.
 - e) – Ferreira, 1966 (1), fig. 4; Ferreira, 1966 (2), fig. 4; Coixão, 1966, pg. 207, fig. 6.
- N.º 2 –**
- a) – Quintal do Dr. João Gouveia
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 30,5 cms.
2= 24,5 cms.
3= 3 cms.
4= 36 cms. (está enterrada)
6= 13 cms.
 - d) – Sete raios gravados a traço fundo, irradiando de um círculo central rebaixado.
 - e) – Inédita
- N.º 3 –**
- a) – Quintal do Dr. João Gouveia
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 34 cms.
2= 28 cms.
4= 50 cms. (está enterrada)
6= 18 cms.
 - d) – Cruz em relevo, com o braço vertical superior peltado. Os braços da cruz não se cruzam a meio da mesma, mas um pouco mais abaixo.
 - e) – Ferreira, 1966 (1), fig. 1; Ferreira, 1966 (2), fig. 1; Coixão, 1966, pg. 207, fig. 1.
- N.º 3-R –**
- c) – 3= 3 cms.
 - d) – Ramo de árvore, gravado a traço fundo, com 3 ramos do direito e 4 no lado esquerdo.
 - e) – Ferreira, 1966 (1), fig. 1; Ferreira, 1966 (2), fig. 1; Coixão, 1966, pg. 207, fig. 2.

Bordo - Decoração em zigue-zague, inserido em dois cordões, tudo gravado a traço fundo.

- N.º 4 –**
- a) – Quintal do Dr. João Gouveia
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 27 cms.
2= 22 cms.
4= 48 cms.
6= 13 cms.
 - d) – Cruz grega, arvorada, gravada a traço fundo. A haste prolonga-se para o pé.
 - e) – Inédita

- N.º 5 –**
- a) – Quintal do Dr. João Gouveia
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 30 cms.
2= 24 cms.
3= 3 cms.
4= 53 cms. (está enterrada)
6= 14 cms.
 - d) – Quadrifólio rebaixado, irregular.
 - e) – Ferreira, 1966 (1), fig. 3; Ferreira, 1966 (2), fig. 3; Coixão, 1966, pg. 207, fig. 5.

Bordo - Cordão ondulado, gravado a traço fundo.

- N.º 6 –**
- a) – Quintal do Dr. João Gouveia
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 27 cms.
2= 27 cms.
4= 34 cms. (está enterrada);
6= 13 cms.
 - d) – Cruz grega, rebaixada, de braços esvazados.
 - e) – Ferreira, 1966 (1), fig. 2; Ferreira, 1966 (2), fig. 2; Coixão, 1966, pg. 207, fig. 3.

- N.º 7 –**
- a) – Quintal do Dr. João Gouveia
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 35 cms.
2= 23 cms.
4= 45 cms. (está enterrada)
6= 20 cms.
 - d) – Cruz grega, arvorada, gravada a traço fundo
 - e) – Ferreira, 1966 (1), fig. 5; Ferreira, 1966 (2), fig. 5; Coixão, 1966, pg. 207, fig. 7.

Nota: nos desenhos falta a haste.

- N.º 8 –**
- a) – Quintal do Dr. João Gouveia
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 28 cms.
2= 19 cms.
3= 4,5 cms.
4= 24 cms. (está enterrada)
6= 13 cms.

- d) – Cruz grega, rebaixada, de braços esvazados.
- e) – Inédita

Bordo - Sulco central rebaixado.

- N.º 9** –
- a) – Quintal do Dr. João Gouveia
 - b) – Estela discóide
 - c) – 3= 3 cms.
 - 4= 33 cms.
 - 5= 41 cms.
 - 6= 16 cms.
 - d) – Quadrifólio rebaixado.
 - e) – Inédita

- N.º 9-R** –
- c) – 3= 3,5 cms.
 - d) – Quadrifólio rebaixado

- N.º 10** –
- a) – Quintal do Dr. João Gouveia
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 26 cms.
 - 2= 14,5x25 cms.
 - 4= 34,5 cms. (está enterrada)
 - 6= 11 cms.
 - d) – Cruz latina, gravada a traço fundo. O braço vertical inferior prolonga-se para o pé.
 - e) – Inédita.

- N.º 11** –
- a) – Quintal do Dr. João Gouveia
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 26 cms.
 - 4= 37,5 cms.
 - 6= 15 cms.
 - d) – Ramo de árvore, gravado a traço fundo. O centro está vazado.
 - e) – Inédita

- N.º 11-R** –
- d) – Cruz grega, rebaixada, com pontas peltadas.

- N.º 12** –
- a) – Fonte da Moura
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 36 cms.
 - 2= 30 cms.
 - 3= 3 cms.
 - 4= 34,5 cms. (está cimentada)
 - 6= 15 cms.
 - d) – Quadrifólio rebaixado
 - e) – Coixão/Trabulo, 1995, pg. 333, foto 340.

Bordo - Dois sulcos rebaixados

- N.º 13** –
- a) – Veiga de Cedovim (no meio de uma vinha)
 - b) – Estela discóide
 - c) – 1= 40 cms.
 - 2= 34 cms.
 - 3= 3 cms.

- 4= 76 cms. (está enterrada)
- 6= 25 cms.

- d) – Cruz de braços curvilíneos, em relevo, com fólios estreitos, sendo o superior direito irregular.
- e) – Coixão, 1966, pg. 210, foto 126.

Nota - Esta cabeceira de sepultura encontra-se no meio de uma vinha, a cerca de 20 mts. da estrada Sequeira/Penedono. Está quase encostada a um marco de divisão (limite) de terras.

- N.º 14** –
- a) – Casa Grande
 - b) – Em forma de esteio
 - c) – 2= 38x22,5 cms.
 - 4= 65 cms.
 - 5= 38x19 cms.
 - 6= 10,5 cms.
 - d) – Quatro raios do lado esquerdo e 5 do lado direito, sugerindo um ramo de árvore.
 - e) – Coixão, 1990, pg. 1; Coixão, 1996, pg. 200, fig. 68.

- N.º 14-R** –
- c) – 2= 35x32 cms.
 - d) – Cruz (latina? grega?) gravada, com os braços horizontais e vertical superior esvazados.
 - e) – Coixão, 1990, pg. 1; Coixão, 1996, pg. 200, fig. 68.

Nota - A estela encontra-se fracturada nos lados e parte superior. Poderá, inicialmente, ter correspondido a uma estela rectangular.

- N.º 15** –
- a) – Paradeiro desconhecido
 - b) – Estela discóide
 - d) – Cruz grega gravada a traço fundo. Em cada cantão, uma esfera rebaixada.
 - e) – Costa, 1996, pg. 14

Nota - Referência retirada de livro.

BIBLIOGRAFIA

- COIXÃO, António do Nascimento Sá, 1966 – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá, 1990 – “Defesa do Património”, “in” jornal “*Notícias de Freixo de Numão*”, Freixo de Numão.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá, TRABULO, António Alberto Rodrigues, 1995 – *Por Terras do Concelho de Foz Côa- Subsídios para a sua História – Estudo e Inventário do seu Património*, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- CORREIA, Vergílio, 1918-1922, “Cabeceiras de sepultura medievais”, *Terra Portuguesa*, 25-26, Lisboa.
- COSTA, João Mário Soalheiro “et alii”, 1996 – “*Tempos Áureos de Freixo de Numão* (Catálogo), edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- FERREIRA, J. A. Pinto, 1966 (1) – “Cabeceiras de sepul-

turas medievais existentes em Numão", *Actas do IV Congresso Portuense de Arqueologia (Lucerna, vol. V)*, Porto.

FERREIRA, J. A. Pinto, 1966 (2) – "Cabeceiras de sepulturas medievais existentes em Numão", *Lucerna, vol. V, Série suplementar da Revista Studium Generale*.

FRANKOWSKI, Eugeniusz, 1920 – *Estelas discoideas de la Península Ibérica*, "Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas", Memória n.º 25, Madrid.
MOREIRA, José Belez, 1982-83 – "Subsídios para o Estudo das Cabeceiras de Sepultura no Concelho de Sintra", *Sintria I-II (1)*, Sintra.



N.º 1 (1413) - 349/21-A



N.º 3 (1415) - 349/23-A



N.º 2 (1414) - 349/22-A



N.º 3-R (1415-R) - 349/24-A



N.º 3-B (1415-L) - 352/5



N.º 5 (1417) - 352/2



N.º 4 (1416) - 352/1



N.º 6 (1418) - 352/3



N.º 7 (1419) - 352/4



N.º 9 (1421) - 352/8



N.º 8 (1420) - 350/35



N.º 9-R (1421-R) - 352/9



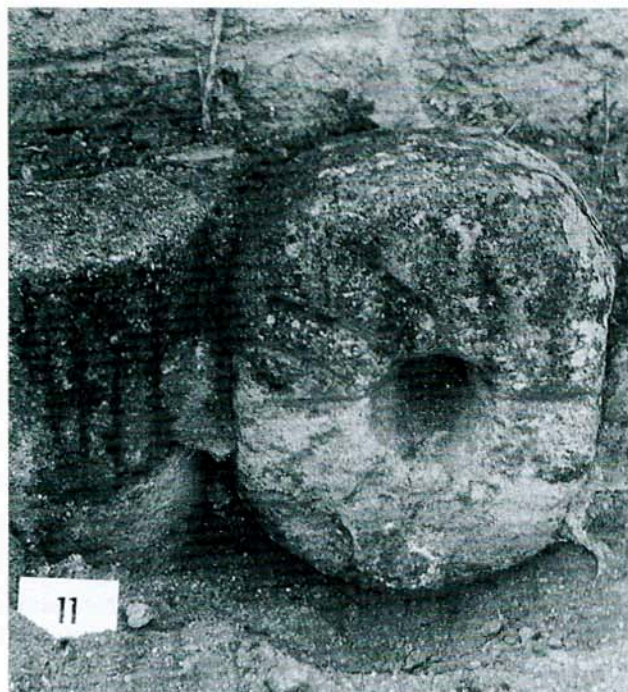
N.º 10 (1422) - 352/10



N.º 11-R (1423-R) - 351/14



N.º 12 (1425) - 353/8



N.º 11 (1423) - 351/23



N.º 12-B (1425-L) - 353/9



N.º 13 (1382) - 349/20-A



N.º 14 (1253) - 124/35



N.º 14-R (1253-R) - 124/1

S. Pedro de Numão: alma mater numantina

João Mário Sualheiro Costa

O cristianismo cedo terá chegado às terras numantinas, um pouco à semelhança do que aconteceu com outros povoados do país. No entanto, escasseiam testemunhos que nos permitam recuar no tempo. Numão aparece citado, pela primeira vez, no conhecido testamento de D.ª Maria Flávia Rodrigues, de 960¹. Perdido o território com a invasão de Almanor, pelos finais do séc. X, volta à posse dos cristãos e definitivamente com Fernando Magno, rei de Leão, por volta de 1077. O Mosteiro de Guimarães reclama o território em inventário que mandou executar dois anos depois². A 8 de Setembro de 1148 o papa Eugénio III confirma a D. João Peculiar, pela bula *Offici nostri*, a jurisdição eclesiástica de Numão³. A organização religiosa do território numantino partiu da igreja matriz de S. Pedro extra-muros do Castelo de Numão, verdadeira alma mater numantina. Talvez de raiz suevia, S. Pedro de Numão perdeu para Santa Maria intra-muros, no decorrer do século XIII, a capitalidade da vida cristã nestas terras e, ainda assim, não totalmente, pois lhe ficaram sobejas as igrejas-petrinas de Freixo de Numão e de A. Mo, como então se chamava Mo do Douro. O facto tem de ser compreendido à luz de alterações significativas do quotidiano da comunidade e que carecem, ainda, de exploração. Presenciamos



Calceira de sepultura medieval, restos de S. Pedro de Numão

de uma matriz extra-muros, em favor de nova ereção intra-muros. O movimento será totalmente inverso quando, no século XVI, nova matriz se faz erguer no "arrabalde", para onde a população, aliás, se transferirá, aos poucos, e que constitui hoje o aglomerado de Numão. As notícias modernas que a S. Pedro digam respeito são escassas. E é necessário esperar pelos testemunhos de mais de quinhentos para se entender alguma coisa do alto significado das poucas pedras que hoje restam no local. Um memorial da antiga igreja de S. Pedro, datado de 1558, constitui notável testemunho do carácter matricial que possuiu durante séculos⁴. Os testemunhos invocam a tradição, "samente ho surrimo así de fama". Dão conta da transferência da pia baptismal – e aqui está, quanto a nós, o fulcro do problema – para Santa Maria intra-muros. Afirmam a sua antiga condição de matriz, que acham provocada pelas sepulturas do seu interior e do adro. Declaram que os fregueses de Freixo e de A. Mo aqui vinham aos ofícios divinos, o que permite apontar a passagem destas capelanias a paróquias ainda na segunda metade do século XV, tendo em consideração que na primeira metade do século as referências a Freixo como capelanias anexa a Numão são poucas⁵. A partir daqui, a igreja de Freixo de Numão afirma-se como legítima sucessora da antiga matriz de S. Pedro de Numão.

D. João I, punindo Numão pelo apoio dado à causa de D. Beatriz, entregou o senhorio do território aos Coutinhos. Por esta razão, o padroado da igreja de S. Pedro e suas anexas, que o Concelho havia doado a D. Dinis, transitou para os Condes de Marialva, seguindo-se a anexação à Capela de Santa Catarina, que administraram. A política de casamentos reais seguida por D. Manuel atraiu, com a extinção da Casa Real, pela morte de D. Guimaraes Coutinho e do Infante D. Fernando, o vasto património das Marialvas para a Coroa. A pedido de D. João III, o Papa Paulo III uniu, em 14 de Março de 1537, a igreja de Freixo de Numão à Universidade de Coimbra⁶. É um novo capítulo, o que se escreve a partir daqui, com cerca de trezentos anos de administração universitária, acompanhada de milhares de documentos que muito nos dizem da história das nossas gentes.

Dos séculos XVI/XVII ficamos à ideia de uma coisa administração das propriedades, com abundantes instrumentos de empazamento, fornecendo dados importantes em diversos domínios, seja do ponto de vista sociológico, seja do ponto de vista produtivo, entre outros, como acontece com a conhecida "Quinta das Ventas", em Sabadell, desde 1550, ou com o levantamento exaustivo da recolha dos dizimos, executado na segunda metade de seiscentos.

O século XVIII será marcado pelas grandes obras, que atingem, por esta ou aquela razão, todos os nossos paróquias. Mais uma vez, o padroado universitário faz a diferença, em termos de informação, como podemos ver com a obra

[14]

N.º 15 (1424) - 352/18 segmentado